



NOMINAIS NUS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: AS PARTICULARIDADES DO SINGULAR NU

PAMELLA SOARES ROSA*

RESUMO

As línguas naturais apresentam propriedades distintas que permitem classificá-las em três tipos: [+arg, -pred], [-arg, +pred] e [+arg, + pred] (CHIERCHIA, 1998). Estas propriedades relacionam-se às diferentes ocorrências de nominais nus nas línguas. O objetivo deste estudo é verificar as particularidades de ocorrência do singular nu no português brasileiro, já que este ocorre de forma bastante diferente de outras línguas de mesmas propriedades semânticas. Ainda, parece haver uma semelhança entre o inglês e o português brasileiro em relação ao plural nu, todavia tal semelhança, como nas línguas de mesmo tipo, não ocorre no singular nu. Pires de Oliveira (2012) e Müller (2004) apresentam estudos relevantes que visam compreender essas particularidades, levantando as seguintes hipóteses: (i) o singular nu é semelhante ao substantivo de massa; e (ii) o singular nu pode ser tópico sentencial. Ainda assim, conforme Müller (2002), o PB apresenta questões de genericidade compatíveis às demais línguas românicas, corroborando em parte, os parâmetros semânticos das línguas naturais.

Palavras-chave: parâmetros semânticos, sintagma nominal, português brasileiro

ABSTRACT

Natural languages present distinct properties that can be classified into three types: [+arg, -pred], [-arg, +pred] and [+arg, + pred] (CHIERCHIA, 1998). These properties are related to the different occurrences of nouns in languages. The aim of this study is to verify the particularities of the occurrence of bare singular in Brazilian Portuguese, because it occurs quite differently from other languages with the same semantic properties. Still, there seems to be a similarity between English and Brazilian Portuguese in relation to the bare plural, however such similarity, as in the languages of the same type, does not occur in the bare singular. Pires de Oliveira (2012) and Müller (2004) present relevant studies that aim to understand these particularities, raising themselves the following hypotheses: (i) bare singular is similar to the mass noun and (ii) bare singular as sentential topic. Even so, according to Müller (2002), BP presents questions of generic readings that are captured in the other Romance languages, partially corroborating the semantic parameters of natural languages.

Keywords: semantic parameters, noun phrase, Brazilian Portuguese

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Escola de Humanidades. Doutoranda e mestre em Letras pela PUCRS, e-mail: pamella.rosa@acad.pucrs.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1486-3099>.

1 INTRODUÇÃO

Chierchia (1998) propõe a existência de parâmetros semânticos para as línguas naturais, conhecido como *Nominal Mapping Parameter* (NMP). Esses parâmetros relacionam-se às propriedades predicativa [+pred] e argumental [+arg], podendo as línguas apresentarem ou não estas duas propriedades. Para o autor, as categorias *Noun* (N) e *Noun Phrase* (NP) são mapeadas em duas denotações através das línguas, podendo, assim, variar de uma língua para outra: em algumas línguas, N e NP são argumentais e denotam entidades, enquanto em outras podem ser predicados e denotar propriedades.

Para o autor, o NMP determina como as categorias N e NP são mapeadas em suas denotações, havendo, para isso, a combinação das características [+/- pred] e [+/- arg]. Considerando a combinação destas características, Chierchia (1998) argumenta que pode haver três tipos de língua: tipo 1 [+arg, -pred]; tipo 2 [-arg, +pred]; tipo 3 [+arg, +pred]. Ainda, as línguas naturais sabidamente apresentam diferenças nos tipos de estrutura que permitem. Entre elas, está a possibilidade ou não de ocorrência de nominais sem determinantes, conhecidos na literatura como “nominais nus”, objeto de estudo deste *squib*.

Nas línguas do tipo 1, como o chinês, N e NP referem-se a tipos, tendo como características: N e NP ocorrem livremente como argumentos; não há distinção de massa e contagem entre substantivos, não havendo morfologia numérica. Nos idiomas de tipo 2, como francês e português, N e NP devem referir-se a propriedades, assim, apenas os DPs (*determiner phrase*) podem ser argumentos e há distinção de massa e contagem, possibilitando morfologia de número. Por fim, nas línguas de tipo 3, como o inglês, N e NP podem referir-se a propriedades ou a tipos, DP e NP podem ser argumentos e a distinção entre massa e contagem é esperada.

Apesar de encaixar-se nas línguas de tipo 2, o português brasileiro assemelha-se ao inglês no que se refere ao nominal nu. Os nominais nus ocorrem em núcleos sem determinantes, isto é, nomes sem determinantes, podendo, de acordo com a variação dos tipos de língua, estar no singular ou no plural. Assim, há uma importante diferença entre o português brasileiro e as demais línguas, incluindo o inglês: o singular nu, que apresenta funções e comportamentos específicos no português brasileiro. Há, pois, importantes estudos sobre este tipo de nominal: Schmitt e Munn (1999, 2002), Müller (2002, 2004), Müller e Oliveira (2004), Pires de Oliveira e Rothstein (2011a, 2011b) e Pires de Oliveira (2012, 2014) apresentam importantes contribuições para o desenvolvimento dos estudos semânticos acerca dos nominais nus, com hipóteses diversas, como semelhanças entre nominal nu e substantivo de massa nu, nominal nu como tópico sentencial, nominal nu em NP e genericidade.

O trabalho desenvolve-se nas seções a seguir. “Nominais Nus no português brasileiro” aborda questões relacionadas ao plural e ao singular nu do PB, apresentando exemplos e possibilidades de ocorrências deste fenômeno; “Particularidades do Singular Nu no português brasileiro” discute as principais diferenças do singular nu no português brasileiro em relação às demais línguas e “Contrapontos Teóricos” elucida as principais divergências entre Schmitt e Munn (1999), Pires de Oliveira e Rothstein (2011a, 2011b) e Müller (2004).

2 NOMINAIS NUS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Os sistemas nominais das línguas podem variar de acordo com suas características argumentais e predicativas (CHIERCHIA, 1998). Nas línguas de tipo 2, línguas românicas, como o português, é previsto que os substantivos nus não devem ser possíveis sem que haja algum dispositivo de mudança de tipo, transformando propriedades em tipos. Assim, os nominais nus podem ser plurais nus porque os tipos são definidos apenas para as propriedades que possuem capacidade de realização de plural. O francês, o italiano e o português europeu são línguas que se enquadram nesse tipo, porém o português brasileiro (PB), apesar de ser uma língua da mesma família, possui algumas características específicas em singulares e plurais nus.

Assim, conforme destaca Pires de Oliveira (2012), há línguas sem determinante aberto, sem morfologia de plural, sem a distinção entre nomes contáveis e massivos e sem classificadores e línguas com o sistema nominal totalmente aberto, como parece ser o caso do PB. No PB, é possível encontrar, além do plural nu, comum às línguas românicas, o singular nu. Assim, destacam-se as seguintes possibilidades:¹

A – Plurais nus em posição de sujeito de predicados episódicos, habituais, individuais e de nível

- (1) **Viajantes** chegaram ontem.
- (2) **Crianças** dormem bastante.
- (3) **Cachorros** são espertos.
- (4) **Ursos** estão extintos.

B – Plurais nus em posição de objeto, tendo a leitura taxonômica como leitura preferida

- (5) A Joana compra **flores** todo dia.
- (6) A Joana comprou **flores** ontem.
- (7) A Joana gosta de **flores**.

C – Singulares nus em posição de sujeito com restrição às sentenças episódicas

- (8) **Criança** dorme bastante.
- (9) **Cachorro** é esperto.
- (10) ***Viajante** chegou ontem.

¹ Exemplos baseados em Müller e Oliveira (2004).

D – Singulares nus altamente difundidos em posição de objeto, mas que não levam a uma leitura taxonômica

- (11) O Vitor lê **jornal** todo dia.
- (12) O Vitor leu **jornal** ontem.
- (13) O Vitor lê **jornal**.

Nas sentenças do tópico A, percebe-se a ampla possibilidade de plural nu em posição de sujeito no PB; em posição de objeto, no entanto, o plural nu se apresenta, preferencialmente, com leitura taxonômica, isto é, de espécie. O tópico C apresenta a restrição do singular nu quanto à leitura existencial em sentenças episódicas na posição de sujeito, como observa-se em (10); enquanto, em D, percebe-se um comportamento não taxonômico do singular nu quando encontra-se em posição de objeto, não se restringindo em sentenças episódicas (12) como ocorre em posição de sujeito. É importante ressaltar que pode haver divergências quanto às possibilidades de singular nu no PB já que o julgamento depende da aceitabilidade de falantes desta língua, podendo variar entre estes.

É importante destacar que, no tópico C, “singulares nus em posição de sujeito com restrição às sentenças episódicas”, há concordância quanto à restrição de leitura existencial em sentenças episódicas, evidenciado por (10) (SCHMITT; MUNN, 1999; PIRES DE OLIVEIRA; ROTHSTEIN, 2011a, 2011b; MÜLLER, 2004); há divergências, porém, quanto à motivação da leitura generalizada em sentenças do tipo de (8) e (9). Essa questão será retomada na seção “Contrapontos Teóricos”.

Diferentemente de outras línguas românicas, como o português europeu e o italiano, no PB, os nominais nus ocorrem de maneira mais livre, sem tantas restrições (MUNN; SCHMITT, 2005). Schmitt e Munn (1999, 2002) acreditam haver similaridades entre os singulares e plurais do PB e as propriedades dos plurais nus do inglês, sendo o inglês mais semelhante ao PB nestes aspectos em comparação a outras línguas românicas. Pires de Oliveira (2012) também argumenta ser possível destacar proximidades nos nominais nus do inglês e do PB, já que estas duas línguas possuem plural nu irrestritamente. O PB apresenta, ainda, além do plural nu, o singular nu. De acordo com a autora (PIRES DE OLIVEIRA, 2012, p. 4): “o PB tem morfologia de plural, distingue entre massa e contável e possui um sistema nominal completamente aberto, com artigos definidos e indefinidos e todas as possibilidades de nomes nus”. Müller e Oliveira (2004), entretanto, discordam dessa posição, elencando uma série de divergências entre os nominais nus dessas duas línguas.

A limitação da proposta de Chierchia (1998) estaria na inexistência do singular nu nas línguas de tipo 2, românicas, pois, conforme apresentado, é possível destacar a presença do nominal nu no PB. Schmitt e Munn (1999), todavia, defendem a proposta dos parâmetros, argumentado que o singular nu não seria de fato um singular, pois pode ser retomado por um pronome plural “Tem cachorro no pátio. Eles estão latindo para o carteiro”. Assim, os autores argumentam que o singular nu é neutro para número.

Pires de Oliveira e Rothstein (2011a) não concordam com a hipótese do singular nu, apresentada acima, já que, se assim fosse, ele deveria se comportar como o plural nu, não havendo diferenças em sentenças como: “#Estudante fez a prova ontem.” e “Estudantes fizeram a prova ontem.”.

A fim de melhor verificar as particularidades do singular nu no PB, a seção seguinte apresenta algumas hipóteses relacionadas a este nominal e suas ocorrências no PB.

3 PARTICULARIDADES DO SINGULAR NU NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Esta seção tem por finalidade discutir algumas particularidades encontradas na forma de singular nu no PB. Como visto anteriormente, o PB corresponde às línguas de tipo 2, que são as línguas românicas, como italiano, francês e português europeu, apresentando as propriedades semânticas do tipo [-arg, +pred].

No PB, todavia, a ocorrência de nominais nus ocorre de maneira diferente dessas outras línguas da família. Assim, conforme discutido na seção anterior, o PB parece comportar-se de maneira semelhante à língua inglesa no que se refere a estes nominais (SCHMITT; MUNN 1999, 2002). A diferença de maior destaque na ocorrência de nominais nus destas duas línguas é o singular nu, havendo divergências entre os estudiosos quanto à forma de ocorrência de nominais nus no PB. Segundo Pires de Oliveira:

O sistema de nominais [do PB] parece encerrar todas as possibilidades abertamente: temos sintagmas encabeçados por artigos definidos e indefinidos para todos os tipos de nomes, isto é, contáveis e massa, inclusive o definido genérico [...], e temos todas as possibilidades de nominais nus, que ocorrem aparentemente livres. (PIRES DE OLIVEIRA, 2014, p. 51)

Pires de Oliveira e Rothstein (2011a) comparam o comportamento do nu massivo e do singular nu contrastando com o plural nu. As autoras defendem que o comportamento do singular nu no PB não é paralelo ao do plural nu, mas se assemelha bastante ao do substantivo de massa nu. Assim, a hipótese é de que o nu massivo e o singular nu denotam tipos, derivados de um conjunto denotado por um substantivo raiz abstrato por meio de uma operação lexical, enquanto os plurais nus denotam predicados de contagem de plural que podem mudar para uma expressão denotativa de tipo ou para um quantificador generalizado existencial.

Destacam-se, seguindo a argumentação acima apresentada, alguns comportamentos dos singulares nus e nomes massivos que contribuem para a proposta de que estes se comportam de forma semelhante, podendo ser compreendidos em unicidade: (i) em certos contextos o plural é ambíguo entre uma interpretação genérica de nível de tipo e uma leitura existencial, enquanto o singular nu e o substantivo de massa não são ambíguos neste contexto; (ii) as restrições às quais o singular nu e o nome de massa nu são semelhantes como no aspecto perfectivo, enquanto o plural nu não apresenta tais restrições.

Müller (2004) também aborda questões relacionadas às restrições de interpretação dos singulares nus no PB. A autora procura explicar por que os singulares nus são aparentemente agramaticais na posição de sujeito em sentenças episódicas apesar de o PB aceitar os singulares nus em posição argumental. Conforme dados da autora:

- (14) **Menino** brinca de lutar contra **bandido**.
- (15) **Bandido** usa **arma**.
- (16) ***Bandido** está assaltando o Banco Real [...].

(MÜLLER, 2004, p. 1)

Em (14) e (15), há dois singulares nus em posição argumental: em (14), os singulares nus ocupam a posição de sujeito e de objeto indireto; em (15), há singulares nus na posição de sujeito e de objeto direto. Nestas duas sentenças, não episódicas, os singulares nus são aceitos com leitura existencial ou generalizada no PB. Em (16), contudo, há um singular nu em posição pré-verbal em uma sentença episódica, impossibilitando uma leitura existencial desta sentença.

Para a autora, os singulares nus em aparente posição de sujeito no PB são, na realidade, tópicos sentenciais, externos à sentença. Assim, ocupariam a restrição de uma estrutura quantificacional e teriam sempre uma interpretação genérica. Ainda, os singulares nus, em PB, não seriam sintagmas de determinantes (DPs) e sim sintagmas nominais (NPs), não podendo ocupar posições argumentais, explicando, com isso, a ausência de interpretação existencial para o nominal nu em aparente posição de sujeito, sendo, os nominais nus, constituintes topicais indefinidos:

[...] o sujeito NN (singular nu) no PB não é um verdadeiro sujeito, mas sim um tópico sentencial que ocupa posição externa à sentença. Essa análise soma-se ao trabalho de sintaticistas que vem (sic) afirmando que o PB é uma língua que organiza sua sentença em torno do tópico. (MÜLLER, 2004, p. 12)

Assim, segundo Müller (2004), sobre a relação dos singulares nus com o NP, é possível compreender que são equivalentes a substantivos comuns e não a expressões nominais plenas (DPs). Conforme defende Longobardi (1994), por serem NPs, os singulares nus não poderiam ocupar posições argumentais como a posição de sujeito, o que explica a ausência da interpretação existencial para este tipo de singular.

Müller (2004) apresenta algumas considerações a fim de corroborar sua hipótese sobre o singular nu e sua ocorrência a nível de NP: (i) ao contrário de expressões nominais plenas (DPs), os singulares nus não têm exigência de número, podendo ser recuperados no discurso por meio de pronomes plurais ou singulares; (ii) o tipo de implicatura gerada entre expressões plenas e o singular nu é diferente; (iii) os singulares nus nunca são específicos; (iv) os singulares nus são possíveis como predicados secundários.

Em trabalho anterior, sobre genericidade no PB, Müller (2002) investiga a semântica de expressões de referência de tipo e de quantificação genérica no PB. A autora aborda, neste, diferentes interpretações dos cinco tipos de expressões genéricas no PB: nominais singulares definidos, plurais definidos, indefinidos, sem número e plural. Assim como em outras línguas, o PB apresenta duas diferentes formas de genericidade: a quantificação genérica e as expressões de referência de tipo. Em expressões genéricas, os genéricos singulares e os plurais definidos comportam-se como expressões de referência de tipo ao contrário do indefinido genérico, número ilimitado e plural indefinido, que se comportam de maneira indefinida, obtendo suas variáveis por meio de um operador genérico.

Com base em Müller (2002), é possível afirmar que, apesar do comportamento atípico do PB em relação aos substantivos nus, em especial ao singular, o PB ainda possui similaridades importantes com as línguas românicas, concordando com os padrões semânticos das línguas, de Chierchia (1998). Isso se justifica, conforme a autora, pelo fato de os substantivos comuns do PB serem sempre predicativos, como ocorre nas demais línguas românicas. Assim, apesar das importantes particularidades do singular nu no PB, é possível reconhecer semelhanças com as línguas de mesma família.

A seguir, serão evidenciados alguns contrapontos teóricos dentre os estudos mencionados neste *squib*. Apresenta-se, pois, uma breve discussão acerca dos postulados de Schmitt e Munn (1999), Müller (2002, 2004) e Pires de Oliveira e Rothstein (2011a, 2011b) no que se refere ao singular nu no PB.

4 CONTRAPONTO TEÓRICOS

Esta seção tem por objetivo retomar as discussões acima e elucidar as diferentes propostas acerca do singular nu do PB. Para isso, serão destacadas as principais contribuições de Schmitt e Munn (1999), Müller (2002, 2004) e Pires de Oliveira e Rothstein (2011a, 2011b) acerca do singular nu no PB. Pretende-se, pois, que esta seção seja uma discussão dos postulados apresentados ao longo deste *squib*.

Schmitt e Munn (1999) defendem que leituras existenciais e genéricas em sentenças episódicas são comuns com o singular nu na posição de objeto; porém, na posição de sujeito, o singular nu é restrito quanto à leitura existencial em sentenças episódicas. As leituras genéricas, por outro lado, não possuem restrições quanto à distribuição sintática, sendo o singular nu aceitável tanto na posição de sujeito quanto na de objeto. Eles defendem que os singulares nus não correspondem a plurais nus sem marcador de plural devido à restrição do singular nu nas sentenças episódicas. Os autores argumentam, também, que os singulares nus não são substantivos de massa, pois não são restritos a tipos canônicos e que os singulares nus não são apenas NPs, sugerindo que sejam DPs com determinantes vazios e sem projeção de número.

Müller (2004) tem como foco as restrições relacionadas à interpretação dos singulares nus em posição pré-verbal no PB e sua relação com a estrutura informacional da sentença.

A autora defende que a agramaticalidade do singular nu em aparente posição de sujeito de sentenças episódicas ocorre porque este singular nu em posição pré-verbal é um tópico em posição externa à sentença, ocupando a restrição de uma estrutura quantificacional, o que gera uma interpretação genérica. Assim, conforme Müller (2004), os singulares nus em PB não são DPs, mas NPs, não podendo ocupar posições argumentais, o que explica a ausência de interpretação existencial para o singular nu em aparente posição de sujeito.

Pires de Oliveira e Rothstein (2011a) argumentam contra a visão canônica, adotada por Schmitt e Munn (1999), de que os singulares nus não são massivos, defendendo que essa visão ocorre por uma comparação inadequada entre singulares nus naturalmente atômicos, como “menino” e nomes de massa de substância, como “ouro”. Complementando, Pires de Oliveira e Rothstein (2011b) defendem que a generalização canônica de que o singular nu é aceitável em determinados contextos enquanto o nu massivo não é válido não se aplica quando se considera a massa não prototípica e substantivos contáveis, rejeitando a visão canônica de que o singular nu não é massa porque eles não se comportam da mesma forma em contextos distributivos. As autoras propõem, então, que o singular nu e o substantivo de massa nu não podem ocorrer em contextos episódicos, a menos que o predicado seja de tipo, denotando espécie: essa proposta vai ao encontro das observações apresentadas por Schmitt e Munn (1999).

A seguir, evidenciam-se e resumem-se os principais contrapontos entre os autores apresentados:

- (i) Schmitt e Munn (1999) e Pires de Oliveira e Rothstein (2011) defendem a possibilidade de ocorrência do singular nu em posição de sujeito em sentenças episódicas genéricas. Müller (2004) concorda com esta possibilidade, porém argumenta que o singular nu não ocorre em posição de sujeito, mas em posição pré-verbal de tópico.
- (ii) Pires de Oliveira e Rothstein (2011a, 2011b) contrariam a visão canônica, incluindo a de Schmitt e Munn (1999), e defendem a comparação entre singular nu e massa.
- (iii) Müller (2004) discorda de Schmitt e Munn (1999) acerca da relação entre o singular nu e o DP, defendendo que, em posição pré-verbal, o singular nu está a nível de NP, uma vez que ele não ocupa uma posição real de sujeito por ser um tópico em posição externa à sentença.

A seguir, apresenta-se a conclusão deste *scuib*, elencando os principais tópicos acerca dos nominais nus no PB. Destaca-se a importância do estudo destes nominais no PB, em especial do singular nu, que apresenta interessantes particularidades e investigações em andamento.

5 CONCLUSÃO

O estudo apresentou questões gerais sobre os parâmetros semânticos das línguas naturais e questões específicas sobre os nominais nus. Assim, foi possível verificar as diferenças entre os nominais nus de outras línguas românicas e os nominais nus do PB, em particular o singular nu, que apresenta maiores diferenças.

O PB, apesar de pertencer ao grupo de línguas do tipo 2, as línguas românicas, parece apresentar, conforme Schmitt e Munn (1999, 2002), maior semelhança com o inglês, devido ao seu plural nu irrestrito. Todavia, assim como em relação às línguas românicas, o singular nu do PB comporta-se de maneira diferente do inglês, apresentando algumas particularidades importantes.

As pesquisas acerca do singular nu no PB apresentam importantes discussões e contrapontos referentes a (i) possibilidade e modo de ocorrência do singular nu em posição de sujeito em sentenças episódicas genéricas; (ii) comparação entre o singular nu e substantivo de massa; e (iii) posição do singular nu a nível DP. Buscou-se evidenciar essas discussões a fim de contribuir para a elucidação de alguns dos principais pontos de debate entre os estudiosos do singular nu no PB e salientar alguns contrapontos interessantes entre os estudos abordados.

REFERÊNCIAS

CHIERCHIA, G. Reference to Kinds across Languages. *Natural Language Semantics*, v. 6, p. 339-405, 1998.

LONGOBARDI, G. Reference and Proper Names: a Theory of N-Movement in Syntax and Logical Form. *Linguistic Inquiry*, v. 25, p. 609-665, 1994.

MÜLLER, A. The Semantics of Generic Quantification in Brazilian Portuguese. *PROBUS*, n. 14, p. 279-298, 2002.

MÜLLER, A. Tópico, Foco e Nominais Nus no PB. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. (org.). *Sentido e Significação*. 1 ed. São Paulo: Contexto, p. 77-95., 2004.

MÜLLER, A.; OLIVEIRA, F. Bare Nominals and Number in Brazilian and European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Portugal, v. 3, n. 1, p. 9-36, 2004.

MUNN, A.; SCHMITT, C. Number and indefinites. *Lingua*, v. 115, p. 821-855, 2005.

PIRES DE OLIVEIRA, R. *O Parâmetro Lexical: Contagem e Espécie*. 2012. Projeto de Pesquisa – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012

PIRES DE OLIVEIRA, R. *Dobras e Redobras: do singular nu no português brasileiro: costurando a semântica entre as línguas [recurso eletrônico]*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; ROTHSTEIN, S. Bare Singular Phrases are Mass in Brazilian Portuguese. *Lingua*, v. 121, p. 2153-2175, 2011a.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; ROTHSTEIN, S. Two Sorts of Bare Nouns in Brazilian Portuguese. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 3, p. 231-266, 2011b.

SCHMITT, C.; MUNN, A. Against the Nominal Mapping Parameter: Bare Nouns in Brazilian Portuguese. *NELS* 29, p. 339-353, 1999.

SCHMITT, C.; MUNN, A. The Syntax and Semantics of Bare Arguments in Brazilian Portuguese. *Linguistic Variation Yearbook*, v. 2, n. 1, 185-216, 2002.

Squib recebido em 6 de abril de 2020.

Squib aceito em 30 de abril de 2020.